

Revista **FONTES DOCUMENTAIS**

FOTOGRAFIA: ENTRE FONTES DE INFORMAÇÃO E SUPORTES DE MEMÓRIA

PHOTOGRAPHY: BETWEEN INFORMATION SOURCES AND MEMORY MEDIA

DOI: 10.9771/rfd.v7i0.64651

Lucas George Wendt

Mestre em Ciência da Informação e mestrando em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias de Sul (UCS); e em Jornalismo pela Universidade do Vale do Taquari (Univates). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4901-6826>. E-mail: lucas.george.wendt@gmail.com.

Ana Paula Sehn

Mestranda em Ciência da Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Gestão do Conhecimento pela Faculdade Unyleya. Bacharela em Biblioteconomia pela UFRGS. Bibliotecária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5861-5575>. E-mail: anapsehn@gmail.com.

Maurício Coelho da Silva

Doutorando em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7923-9457>. E-mail: mauriciocoelho.hlp@gmail.com.

RESUMO

O artigo examina a interseção entre fotografia, informação e memória no campo da Ciência da Informação (CI), destacando o papel da fotografia como fonte de informação e suporte de memória. O objetivo principal é analisar essa relação com base na produção científica da área. Como objetivos específicos, o estudo busca investigar a prevalência de abordagens que tratam a fotografia tanto como fonte de informação quanto como suporte de memória, além de quantificar a prevalência dos conceitos relacionados à fotografia fundamentados na base teórica da CI. A metodologia envolveu uma revisão bibliográfica e bibliométrica na base de dados Brapci, onde os dados foram analisados por meio da seleção de estudos relevantes e da busca de termos-chave. Os resultados mostraram que 33 estudos (26,6%) tratam a fotografia como "fonte de informação", 9 (7,2%) a abordam como "suporte de memória", e 80 estudos (64,5%) mencionam o termo "memória". A análise revelou que, na CI, a fotografia é amplamente compreendida como um documento, especialmente no contexto de fonte de informação, com uma fundamentação teórica proveniente, em grande parte, de outras disciplinas como Fotografia, História e Sociologia. O estudo conclui que há uma necessidade de aprofundar o entendimento da fotografia como suporte de memória na CI, para enriquecer o campo de estudo. A fotografia, além de registrar fatos, carrega narrativas, identidades e lembranças, sendo um recurso importante tanto para constituição de referentes para indivíduos quanto para a sociedade.

Palavras-Chave: fotografia; memória. informação; fonte de informação; suporte de memória.

ABSTRACT

This article examines the intersection between photography, information, and memory in the field of Information Science (IS), highlighting the role of photography as a source of information and memory support. The main objective is to analyze this relationship based on the scientific production in the area. As specific objectives, the study seeks to investigate the prevalence of approaches that treat photography both as a source of information and as a memory support, in addition to quantifying the prevalence of concepts related to photography based on the theoretical basis of IS. The methodology involved a bibliographic and bibliometric review in the Brapci database, where the data were analyzed through the selection of relevant studies and the search for key terms. The results showed that 33 studies (26.6%) treat photography as a "source of information", 9 (7.2%) address it as a "memory support", and 80 studies (64.5%) mention the term "memory". The analysis revealed that, in CI, photography is widely understood as a document, especially in the context of a source of information, with a theoretical foundation largely coming from other disciplines such as Photography, History and Sociology. The study concludes that there is a need to deepen the understanding of photography as a memory support in CI, in order to enrich the field of study. In addition to recording facts, photography carries narratives, identities and memories, being an important resource for constituting references for both individuals and society.

Keywords: photography; memory; information; source of information; memory support.

1. INTRODUÇÃO

Na fotografia, a conexão entre imagem e memória é intrínseca. A fotografia registra visualmente um momento e, ao mesmo tempo, transforma-se em uma representação concreta da memória associada a esse instante. Cada fotografia é única e irreproduzível, pois fotografar implica uma relação direta com o tempo, que se move apenas em direção ao futuro. Assim, a imagem fotográfica funciona como um suporte para a memória, preservando, de forma visual, eventos, lugares, pessoas e características ao longo do tempo, em documentos que podem ser compartilhados e reproduzidos. A capacidade da fotografia de registrar e evocar memórias, emoções e histórias a coloca em uma posição especial como meio de perpetuação tanto da memória individual quanto da coletiva, relacionada aos grupos sociais.

Além disso, a fotografia é uma valiosa fonte de informação, pois cada imagem contém detalhes que podem revelar indícios e representar um contexto, uma cultura ou um período específico. As fotografias não documentam apenas o que é visível, mas, por serem recortes subjetivos, também transmitem emoções, perspectivas e nuances que enriquecem a compreensão do momento capturado. Nesse sentido, pode-se afirmar que a fotografia não apenas preserva memórias, mas também constitui uma importante fonte de informação, que merece ser analisada e interpretada.

Com a digitalização da fotografia e seu armazenamento em diversos meios, como dispositivos eletrônicos, essas relações se expandem ainda mais. As imagens são facilmente compartilhadas, armazenadas em nuvens e acessadas em diferentes dispositivos, o que impacta a forma como a memória é registrada e preservada. A facilidade de manipulação das imagens também levanta questões sobre a possível distorção da memória.

Este estudo, com base em uma revisão bibliográfica da literatura científica em Ciências Sociais Aplicadas, especialmente na Ciência da Informação (CI), busca compreender como os conceitos de fotografia, memória, informação, fonte de informação e suporte de memória se inter-relacionam dentro de uma amostra representativa da produção acadêmica nessa área.

Dessa forma, tem como objetivo geral analisar as relações entre a fotografia, a informação e a memória na CI, a partir da produção científica e intelectual em CI, Fotografia e áreas correlatas. São objetivos específicos: a) investigar a prevalência de abordagens na literatura científica da CI e áreas adjacentes sobre a fotografia como fonte de informação; b) examinar os tensionamentos presentes na literatura científica da CI e áreas correlatas sobre a fotografia como suporte de memória; c) identificar, quantitativamente, os conceitos explicitados sobre fotografia na base teórica da área da Fotografia em estudos do campo da CI.

2 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

2.1 INFORMAÇÃO

A informação sintoniza o mundo e participa da evolução e revolução do homem ao longo da história. Como organizadora, ela referencia o homem ao seu destino, recolocando questões sobre sua natureza, seu conceito e seus benefícios para o indivíduo, bem como para o relacionamento deste com o mundo em que vive (Barreto, 1994).

Quando adequadamente assimilada, a informação gera conhecimento, modificando o estoque mental de informações do indivíduo e beneficiando tanto o seu desenvolvimento quanto o da sociedade em que ele vive. Portanto, como agente mediador na produção do conhecimento, a informação se caracteriza por forma e substância, sendo uma estrutura significativa com a capacidade de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo (Barreto, 1994).

Mas como ocorre esse processo? O que é informação? Como argumenta Barreto (1994, p. 3), tem-se buscado “[...] caracterizar a essência do fenômeno da informação como a adequação de um processo de comunicação que se efetiva entre o emissor e o receptor da

mensagem”. Ou seja, trata-se de um processo que envolve uma fonte geradora ou emissora de informação, um canal de transferência e um receptor ou destinatário da mensagem, desde que este possua condições semânticas para compreendê-la. Essa condição qualifica o significado da mensagem, seu uso efetivo e a ação resultante dela.

Capurro e Hjørland (2007) corroboram essa visão ao definir informação como conhecimento comunicado, em uma obra que traça um panorama conceitual da informação na perspectiva da CI e suas relações interdisciplinares. Segundo os autores, cada área apropria-se do conceito de informação conforme seu próprio contexto e fenômenos específicos. No entanto, tais discussões são fundamentais para a CI, pois muitas de suas teorias e abordagens originaram-se em outras áreas, o que, por si só, ratifica seu caráter interdisciplinar. “As definições científicas de termos como informação dependem das funções que damos a elas em nossas teorias [...] o tipo de trabalho metodológico que elas devem fazer para nós” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 153).

Na CI, ao se utilizar o termo "informação", deve-se sempre considerar que ela é aquilo que é informativo para determinada pessoa. Isso, por sua vez, depende das necessidades interpretativas e das habilidades do indivíduo, ainda que essas sejam frequentemente compartilhadas por sujeitos de uma mesma comunidade discursiva. A informação depende da questão a ser respondida e pode ser qualquer elemento considerado relevante na resposta. Assim, tem-se a informação como signo — dependente da interpretação de um sujeito cognitivo — e distinta da informação como coisa ou objeto (Capurro; Hjørland, 2007). Os autores contextualizam o termo sob dois vieses inter-relacionados, conforme o conceito presente no *The Oxford English Dictionary* (1989): o ato de comunicar conhecimento e o de moldar a mente.

O conceito de "moldar a mente" é reforçado por Barreto (2002, p. 49), ao afirmar que a informação “[...] se qualifica como um instrumento modificador da consciência do indivíduo e de seu grupo social, pois sintoniza o homem com a memória de seu passado e com as perspectivas de seu futuro”. Observa-se, aqui, a relação entre informação e conhecimento, que só se efetiva se a informação for percebida, aceita e internalizada. Além disso, destaca-se a importância da memória como um componente essencial do processo cognitivo.

O historiador francês Le Goff (1990) relaciona a informação do presente e do passado à memória como forma de registro:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas (Le Goff, 1990, p. 423).

Nesse sentido, Rueda, Freitas e Valls (2011, p. 80) afirmam que “devido à sua característica de fornecer dados anteriores e suprir a necessidade criada pela sociedade de recordar o passado, a informação se qualifica como um meio entre o registro do conhecimento e a produção da memória social”.

Nesse quesito, Rueda, Freitas e Valls (2011, p. 80) colocam que “devido à sua característica de fornecer dados anteriores e suprir a necessidade criada pela sociedade em se recordar do passado, a informação se qualifica como um meio entre o registro do conhecimento e a produção da memória social”. Por conseguinte, suscita-se algumas reflexões, tais como o papel da informação como mediadora entre o registro do conhecimento e a produção de memória; a função que exerce em registrar o conhecimento adquirido ao longo do tempo e alimentar o processo de construção da memória social e sobretudo, considerar o próprio conceito de informação como registro do conhecimento. Sobre estes questionamentos Le Coadic (2004) comentou:

A informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação (Le Coadic, 2004, p. 4).

Portanto, é possível identificar, atrelados à informação, elementos como registro do conhecimento na forma escrita (em um suporte), oral ou audiovisual (imagens, fotografias) e suas relações com a memória. A informação serve como um elo entre o registro factual de eventos (documentos, fotografias etc.) e a memória social, tida como a maneira como as sociedades se lembram, interpretam e dão sentido a esses fatos. A memória não se restringe apenas ao que aconteceu, mas como os eventos são coletivamente lembrados e reinterpretados ao longo do tempo. A seguir, são fundamentadas as fontes de informação, fotografia, memória e suporte de memória, elementos que subsidiam essa pesquisa.

2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO

Desde os tempos mais remotos, os homens sentem a necessidade de registrar sua existência. Das formas pictóricas à linguagem codificada, há uma grande variedade de suportes e formatos de expressão e compartilhamento de experiências, com o intuito de narrar feitos e perenizar ideias. Essas formas, em seu conjunto, constituem a memória cultural da humanidade

e, quando organizadas e disponibilizadas adequadamente, possibilitam seu uso e o enriquecimento cultural das sociedades (Campello; Caldeira; Macedo, 1998), caracterizando-se como fontes de informação.

As fontes de informação são incontáveis, devido à diversidade do que pode ser considerado uma fonte. Villaseñor Rodríguez (1998, p. 33, tradução nossa) evidencia a dificuldade de abranger todos os instrumentos considerados fontes de informação, pois o termo é uma expressão genérica e ampla, referindo-se a “[...] todos aqueles instrumentos e recursos que servem para satisfazer as necessidades informativas de qualquer pessoa, tenham ou não sido criados com essa finalidade e sejam utilizados diretamente ou por um profissional da informação como intermediário”.

Arruda e Chagas (2002, p. 99) indicam que “[...] fontes de informação designam todos os tipos de meios e (suportes) que contêm informações suscetíveis de serem comunicadas”. Carrizo Sainero (1994, p. 30, tradução nossa) salienta a importância do acesso ao conhecimento por meio das fontes: “[...] consideram-se Fontes de Informação os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que contenham notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa ao conhecimento, qualquer que seja este”.

Villaseñor Rodríguez (1998) esclarece que não existe uma tipologia unificada para as fontes de informação. No entanto, destaca que a necessidade de conhecer as diferentes possibilidades informacionais propicia a análise de alguns critérios válidos para determinar os tipos de fontes existentes: a) Quanto à procedência e origem da informação (pessoais, institucionais, documentais); b) Quanto ao canal transmissor da informação (oral, documental); c) Segundo a cobertura geográfica (internacional, regional, nacional, local); d) Quanto ao grau de adequação (total, média, insuficiente); e) De acordo com o tipo de informação que oferecem (gerais, especializadas).

De acordo com a natureza da fonte de informação, Dias e Pires (2005) dividem-nas em primárias, secundárias e terciárias. As fontes primárias (livros, artigos de periódicos, dissertações entre outros) contêm informações originais. Já as fontes secundárias objetivam facilitar o uso das primárias, como dicionários e manuais. Por fim, as fontes terciárias direcionam os consulentes para as fontes primárias e secundárias, tendo como exemplos guias, resumos e índices.

Conforme exposto e de acordo com a explicação de Araújo e Fachim (2015), uma fonte de informação pode ser qualquer coisa. Sua principal característica é a de informar algo a

alguém e, por esse motivo, sua aplicação é abrangente, podendo incluir, por exemplo, repositórios, links, áudios, documentos, armazenamento em nuvem e fotografias.

A fotografia, objeto de estudo deste trabalho, constitui uma fonte de informação primária por conter informações originais e inéditas, além de ser documental quanto à sua natureza. Esse conceito segue a definição de Villaseñor Rodríguez (1998), que classifica como fontes de informação documentais aquelas que proporcionam informação a partir de um documento ou sobre ele, sendo que a origem da informação e o meio pelo qual ela é transmitida é o próprio documento.

2.3 FOTOGRAFIA

A fotografia é, em sua essência, a técnica de criação de imagens por meio da exposição luminosa fixada em uma superfície fotossensível. Originou-se da combinação de dois campos do conhecimento: a física e a química. Na Antiguidade, seu princípio surgiu a partir da observação de fenômenos físicos; no século XIX, somou-se à química e, atualmente, à fotografia digital (Palacin, 2012), cujo suporte e meio são amplamente utilizados.

O termo "fotografia", outrora denominado heliografia e daguerreotipia, “[...] utilizado pela primeira vez no Brasil, foi criado por um francês no interior de São Paulo, em 1834” (Palacin, 2012, p. 1). Com os avanços oriundos da física e da química ao longo dos séculos, o marco mais remoto da fotografia remonta a períodos anteriores a Cristo, quando o filósofo grego Aristóteles observou, enquanto estava sentado sob uma árvore, a imagem do sol sendo projetada no solo em forma de meia-lua durante um eclipse parcial, à medida que seus raios passavam por um pequeno orifício entre as folhas. Esse fenômeno corresponde ao princípio óptico da câmera escura, que consistia em um quarto escuro com um pequeno orifício em uma de suas paredes. Quando um objeto era colocado do lado de fora, sob a luz, sua imagem era projetada para o interior da câmera de forma invertida e refletida na parede interna oposta (Palacin, 2012).

O princípio óptico da câmera escura foi fundamental para o desenvolvimento da fotografia. No século XVI, Leonardo da Vinci aprimorou essa técnica ao desenvolver uma câmera móvel, permitindo que o artista estivesse do lado de fora do equipamento para realizar desenhos e pinturas. A câmera digital utilizada atualmente compartilha conceitos fundamentais relacionados ao comportamento da luz descrito por Aristóteles (Palacin, 2012).

A fotografia, de acordo com Kossoy (2012, p. 42):

[...] é uma representação plástica (forma de expressão visual) indivisivelmente incorporada ao seu suporte e resultante dos procedimentos tecnológicos que a

materializaram. Uma fotografia original é, assim, um *objeto-imagem*: um *artefato* no qual se pode detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época em que foi produzido. Um original fotográfico é uma fonte primária.

Quanto às imagens, Flusser (2011, p. 21) define como “[...] superfícies que pretendem representar algo [...] que se encontra lá fora no espaço e no tempo”. Resultantes do esforço de capturar dimensões espaço-temporais, representam as mediações entre o homem e o mundo (Flusser, 2011), como diz Kossoy (2007, p. 103-104), as imagens constituem um dos sustentáculos da memória: “As fontes iconográficas [...] fotografias - carregam em si informações sobre certos fatos e sobre a mentalidade de uma época”.

Nesse sentido, as fotografias, como sustentáculos da memória cultural e social, para além de capturar o momento em que foram produzidas, são capazes de armazenar e transmitir valores, pensamentos e contextos históricos. Testemunhas visuais de tempos passados que refletem tanto os eventos ocorridos, quanto a percepção social de outrora. Dessa forma, adentra-se a seguir, nos estudos da fotografia relacionados à memória e suporte de memória.

2.4 MEMÓRIA

Toda a memória, “[...] é em primeiro lugar, uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada” (Pomian, 2000, p. 507). Isso se dá, segundo o autor, por estados do sistema nervoso provocados pelo contato com objetos, acontecimentos e seres que persistem quando o elemento que os originou, desapareceu há certo período.

[...] os vestígios do passado podem ser transmitidos sob a forma de criações exteriores ao próprio organismo, capazes de uma existência autónoma em relação a este último. É o caso dos relatos que passam de narrador em narrador conservando a sua identidade, à excepção de algumas poucas variantes, e é também o caso dos escritos, desenhos, quadros, esculturas, etc. E estes vários tipos de representações não são os únicos vestígios do passado que os homens conservam. Vestígios são também as relíquias, e com esse termo queremos designar qualquer fragmento de um ser ou de um objecto inanimado que, tal como uma imagem objectiva, pode ser transmitido de indivíduo para indivíduo, de geração para geração. Imagens e relíquias apresentam-se ambas sob a forma de coisas, e ambas se encontram nas colectâneas, nas colecções, que são precisamente a correlação objectiva da memória especificamente humana que é a memória colectiva e transgeracional (Pomian, 2000, p. 507-508).

Conservar em si sinais e vestígios de um passado remoto exprime a capacidade da memória de reconstruir uma situação análoga à já vivenciada outrora, instigada pelo contato com artefatos, imagens e fotografias que evocam lembranças daquele momento. Esses objetos carregam uma espécie de autenticidade, funcionando como representações concretas do

passado que podem ser transmitidas de geração em geração, formando uma memória coletiva que vai além do indivíduo, conectando pessoas e gerações ao longo do tempo.

Segundo o sociólogo e filósofo francês Maurice Halbwachs, a memória pode ser individual e coletiva, estando interligadas, uma vez que a primeira só existe em relação à segunda:

[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (Halbwachs, 1990, p. 25).

Conforme supracitado, a construção da memória ocorre ao longo do tempo nos grupos sociais, pois as pessoas evocam lembranças no sentido literal e físico dos acontecimentos. Todavia, o que será lembrado é determinado coletivamente, uma vez que o consenso social valida nossas memórias. Ao compartilhar lembranças, as pessoas reforçam e legitimam as impressões umas das outras.

A relação entre memória e fotografia na criação do passado é destacada por Oliveira (2014, p. 61): “Partimos do entendimento da memória, portanto, como a criação do passado. Diante dele, acredita-se ser a fotografia um artefato pelo qual se cria e se imagina o passado”. Esse passado é reinterpretado, evocado e recriado por meio da fotografia, um artefato que representa um suporte de memória, tema discutido a seguir.

2.5 SUPORTE DE MEMÓRIA

A Revolução Industrial foi um marco para o desenvolvimento das ciências. Além da crescente gama de informação e documentação provenientes do período, surgiu uma série de invenções que influenciaram decisivamente os rumos da história moderna, entre elas, a fotografia que “[...] teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística [...]” (Kossoy, 2012, p. 27). Segundo o autor, a enorme aceitação que a fotografia teve a partir de 1860, propiciou o surgimento de impérios comerciais e industriais:

A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmara. O registro das paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas de ferro, os conflitos armados e as expedições científicas, a par dos convencionais retratos de estúdio - gênero que provocou a mais expressiva demanda que a fotografia conheceu desde seu aparecimento e ao longo de toda a segunda metade do século XIX -, são alguns dos temas solicitados aos fotógrafos do passado (Kossoy, 2012, p. 28).

Conforme supracitado, os registros da vida capturados pela câmera ilustram como a fotografia serviu para documentar e preservar aspectos culturais, sociais e históricos dos povos. Dessa forma, a fotografia relaciona-se ao conceito de suporte de memória, contribuindo para a preservação dessas expressões culturais para as gerações futuras. Ao registrar e armazenar visualmente informações, a fotografia mantém vivas as lembranças de diferentes períodos e realidades, permitindo que sejam revisitadas, estudadas e reinterpretadas ao longo do tempo.

Como considera Kossoy (2012, p. 29):

As imagens [...] produzidas a partir de 1840 dos microsaspectos captados de diferentes contextos sociogeográficos têm preservado a memória visual de inúmeros fragmentos do mundo, dos seus cenários e personagens, dos seus eventos contínuos, de suas transformações ininterruptas.

O autor pondera que, outrora, a fotografia não havia alcançado pleno status de documento, mas, com a revolução documental das últimas décadas e com a ampliação do conceito de documento para um sentido mais abrangente — incluindo registros ilustrados, escritos, sonoros e imagéticos —, a fotografia passou a ser reconhecida como tal. Soma-se a isso o crescente interesse despertado pela fotografia no Brasil na década de 1990, refletido no aumento de teses e dissertações sobre o tema, cobrindo diversas áreas de aplicação.

O desenvolvimento da fotografia, como apontam Pinheiro e Boni (2011), foi resultado do pioneirismo e do trabalho de incontáveis homens, em diferentes lugares e épocas, até se chegar ao que se conhece hoje. Pesquisadores vêm se dedicando ao reconhecimento e à disseminação da fotografia como documento histórico, podendo esta ser compreendida, assim, como um suporte de memória:

[...] fragmentos de instantes da vida das pessoas, como moda e vestuário, eventos sociais, paisagens urbanas e rurais, fachadas das casas e ruas, entre outros, podem ser recuperados pelo conhecimento visual da cena passada, por meio da ativação das lembranças (Pinheiro; Boni, 2011, p. 238).

Ao mostrar uma fotografia a uma pessoa ou a um grupo, ativa-se um gatilho de memória, estimulando a mente a reviver e conectar-se com experiências passadas associadas à imagem. Ou seja, “[...] a fotografia, como suporte de memória, revela-se não apenas como um documento estático, mas como um meio possível de evocar lembranças, narrativas e identidades” (WENDT, 2024, p. 43), o que é corroborado por Leite (2005, p. 145):

Quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos. [...] As fotografias poderiam ser comparadas a imagens armazenadas na memória, enquanto as imagens lembradas são resíduos insubstituíveis de experiências contínuas. Em muitos casos, lembranças das fotografias substituem lembranças das pessoas ou acontecimentos, que são mutáveis, enquanto a fotografia fixa pode ser vista muitas vezes.

Vê-se então, a significância e relevância da fotografia como suporte de memória, passível de perpassar gerações e evocar diferentes lembranças a quem a vislumbrar, de acordo com o sentido e significado que o documento carrega em seu contexto original e na interpretação pessoal de cada observador. A fotografia, portanto, como suporte de memória, não apenas registra momentos, mas preserva emoções e fragmentos culturais, permitindo que memórias sejam continuamente revividas e reinterpretadas com o passar do tempo.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de apoiar a seleção de material para esta pesquisa, foi realizada uma busca na Base de Dados em CI (Brapci) com as expressões “fotografia AND informacao” e “fotografia AND memoria”. A área da CI no Brasil se desenvolve a partir da década de 1970, período que também marca o início da cobertura da Brapci, que indexa desde as primeiras produções em CI no Brasil até estudos mais recentes (BUFREM *et al.*, 2010).

A consulta foi realizada em 4 de novembro de 2023, com o intuito de selecionar materiais publicados em periódicos já referenciados e citados na literatura científica da CI, garantindo, assim, maior aceitação pelos pares das ideias contidas nos documentos recuperados. A Brapci é uma ferramenta amplamente reconhecida na área da CI no Brasil e constitui um recurso especializado para pesquisas em CI, com cobertura temática específica nas áreas de Biblioteconomia e Arquivologia, além de outras áreas correlatas. Dessa forma, o conteúdo recuperado na plataforma representa, com boa fidedignidade, a produção intelectual da área.

Os dados recuperados foram analisados de duas formas. A primeira consistiu na seleção dos materiais provenientes das buscas “fotografia AND informacao” e “fotografia AND memoria”, buscando identificar documentos que abordassem esses temas nas áreas da CI, Museologia e Comunicação (estas últimas também representadas na Brapci). Em seguida, os resultados foram integrados em uma base única, contendo 158 estudos: a busca por “fotografia AND informacao” retornou 100 resultados, enquanto “fotografia AND memoria” apresentou 58. Após a integração dos dados, foi realizada a deduplicação dos registros, removendo 34 documentos repetidos e resultando em uma seleção final de 124 estudos.

Nos 124 trabalhos recuperados, foi realizada uma busca pelos termos "fonte de informação", "suporte de memória" e "memória", utilizando o comando *Ctrl + F* no sistema operacional Windows. Para os documentos em espanhol, os termos buscados foram "fuente de información", "soporte de memoria" e "memoria". O objetivo dessa análise foi identificar a

presença — mais ou menos explícita — da fotografia como fonte de informação, como suporte de memória ou como ambas. Sempre que um desses termos era encontrado, o contexto imediato da citação era analisado para assegurar uma interpretação adequada da referência, registrando-se a relação explícita ou não do conceito no documento. Essas informações foram organizadas em uma planilha no Google Planilhas. Cabe destacar que a busca pelo termo “memória” nos estudos não estava prevista inicialmente, mas foi realizada devido à baixa ocorrência da expressão “suporte de memória”.

A segunda forma de análise buscou identificar referências aos temas em outras áreas do conhecimento. Para isso, utilizou-se a lista de referências bibliográficas disponíveis na Brapci nos documentos recuperados. Foram identificadas 933 referências na base original de 124 estudos. Neste caso, não foi realizada a deduplicação dos registros, uma vez que a repetição das referências é desejável para localizar os documentos mais citados entre os estudos recuperados na busca inicial pelas expressões “fotografia AND informação” e “fotografia AND memória”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na análise da literatura em Ciência da Informação (CI) e em áreas adjacentes, como Memória, Fotografia, História e Comunicação, discute-se a fotografia como uma fonte de informação e um suporte de memória, situando-a de forma paralela, indissociável e simultânea nessas dimensões.

No que diz respeito aos resultados da primeira fase dessa análise, que busca investigar o entendimento dos estudos sobre Fotografia na CI, 33 estudos (26,6% dos 124 resultados) fazem referência à expressão ou detalham o conceito de “fonte de informação”; 9 estudos (7,2%) apresentam alguma referência ou especificam o significado de “suporte de memória”; e 80 estudos (64,5%) mencionam o termo “memória”, particularizando ou não seu sentido no contexto da argumentação dos autores.

A título de ilustração, serão apresentados cinco estudos que detalham a relação entre fotografia como fonte de informação e como suporte de memória. Em Mariz e Cordeiro (2021), a fotografia é citada como fonte de informação no contexto de arquivos fotográficos pessoais e como suporte de memória no tratamento documental arquivístico. Em Carmo, Felipe e Costa (2022), fotografias são usadas pelos residentes para a difusão da memória social de um bairro em Campo Grande (Mato Grosso), bem como para a transmissão de informações. Já para Sá e Damasceno (2023), as referências à fotografia como fonte de informação e suporte de memória surgem no contexto dos álbuns de família, defendidos como locais de memória e recordação.

Nascimento Júnior, Silva e Silva (2020) argumentam sobre a relevância das fotografias como fonte de informação e como suporte de memória em um estudo sobre a importância da audiodescrição para usuários com deficiência visual. Felipe e Pinho (2018), por fim, apresentam a fotografia como fonte de informação e suporte de memória em um estudo sobre fotografia como dispositivo da memória institucional.

Esses contextos diversos indicam uma variedade de interpretações sobre a tipologia documental "fotografia", tanto como meio de transmissão de mensagens quanto como suporte para a perpetuação de elementos constituintes de uma memória compartilhada por diferentes sujeitos e comunidades.

Para comparação, realizou-se uma busca pelo termo "fotografia" na Base, que recuperou 266 registros, correspondentes a 0,53% do total de materiais disponibilizados pela Brapci para consulta (49.581 documentos publicados em periódicos ou apresentados em eventos). Assim, as expressões de busca "fotografia AND informação" e "fotografia AND memória" são representativas ao retornarem 46,6% de todo o conteúdo relacionado ao termo "fotografia" na Brapci. No entanto, essa leitura exige cautela, pois o conteúdo efetivo dos documentos nem sempre torna explícitas essas relações, que podem ser apenas presumidas a partir dos resultados obtidos. Isso pode ser justificado pelo fato de que a CI tem uma compreensão consolidada sobre a fotografia como tipologia documental, o que pode explicar a baixa incidência de associações explícitas ao conceito de fotografia como fonte de informação.

No que tange ao segundo ponto de análise, foram localizados 19 documentos com quatro ou mais citações no corpus de 933 referências oriundas dos 124 estudos encontrados na busca por "fotografia AND informação" e "fotografia AND memória" na Brapci. Essas citações, totalizando 91, correspondem a 9,7% do total de referências. O documento mais referenciado foi "Fotografia e História", de Boris Kossoy (9 referências), seguido por "A fotografia: entre documento e arte contemporânea", de André Rouillé; "Retratos de família", de Miriam Leite Moreira; e "História e memória", de Jacques Le Goff (os três com 7 referências cada). As obras "A ciência da informação", de Yves-François Le Coadic, e "A câmara clara: nota sobre a fotografia", de Roland Barthes, foram citadas 6 vezes cada uma.

Os autores mais referenciados têm formação multidisciplinar, abrangendo Fotografia, História, Antropologia e Ciência da Informação. Apenas Yves-François Le Coadic tem uma ligação direta com a CI, sendo sua obra frequentemente referenciada na área.

Essa análise permite concluir que a CI, ao abordar a fotografia, frequentemente o faz a partir de referências de outras áreas do conhecimento, reforçando a fotografia como tipologia

documental. Entretanto, há uma lacuna teórica quanto à compreensão da fotografia como suporte de memória, sugerindo a necessidade de um aprofundamento conceitual nesse aspecto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos objetivos específicos A (investigar a prevalência de abordagens expostas na literatura científica das áreas da CI e adjacentes sobre a fotografia como fonte de informação) e B (pesquisar a prevalência de tensionamentos disseminados na literatura científica da área da CI e áreas acerca das sobre a fotografia como suporte de memória), identifica-se que existe um entendimento aparente na CI da fotografia enquanto uma tipologia documental que, especialmente, pode ser compreendida como fonte de informação - já essas associações se destacaram no contexto dos trabalhos investigados nesta pesquisa. Os estudos que realizam apontamentos no sentido de defender a fotografia como suporte de memória são em menor número, o que contrasta com o fato de que parte expressiva dos estudos elencados e analisados nesta pesquisa sobre a fotografia na CI citar, também, o termo “memória” em seu conteúdo e em contextos múltiplos.

Apesar de, empiricamente, parecer senso comum a compreensão de a fotografia se constituir como uma fonte de informação e ser um suporte de memória, essa compreensão não é tornada explícita nos estudos que abordam estes temas em CI, uma vez que não apontam para tornar mais claros ou mais conceitualmente embasadas essas ideias que podem já estar estabelecidas fora do circuito de pesquisa acadêmica. Pode-se inferir que isso aconteça em razão de os estudos partirem de bases teóricas que, ao considerarem as fotografias como documentos, já têm em si, em especial, a compreensão da fotografia como fonte de informação subsumida.

Por outro lado, em relação à fotografia como suporte de memória, houve dificuldade até mesmo no levantamento de referencial para a construção da seção teórica deste estudo, de forma que fica evidente possibilidades de se desenvolver uma compreensão mais detalhada sobre essa face do documento fotográfico - a imagem como suporte de memória. Pode-se argumentar pela necessidade de uma maior clareza em definições sobre a fotografia sendo suporte de memória, já que a possível lacuna de uma conceituação explícita na literatura científica que é compartilhada pela Biblioteconomia, Arquivologia e a Museologia na CI acaba contribuindo para tornar o objeto de pesquisa “fotografia” frágil e pouco explorado do ponto de vista teórico para o campo científico da CI - vide o achado de pesquisa paralelo deste estudo que levantou o

percentual de 0,53% (266) do total de estudos em CI indexados na Brapci como aqueles que abordam algum aspecto em torno do tema “Fotografia”.

No que se refere ao objetivo específico C (identificar quantitativamente os conceitos explicitados sobre fotografia a partir da base teórica da área da Fotografia em estudos no campo da CI), a literatura conceitual trazida pelos autores dos estudos encontrados a partir de uma pesquisa na Brapci, colocada para dialogar com a CI em relação ao tema da Fotografia, é oriunda principalmente de outros campos do conhecimento que não a CI. Quando vem dela, em geral aponta-se para o entendimento explícito da fotografia com objeto documental: com menor ênfase, como suporte de memória e fonte de informação. Surgem outros entendimentos, como o da fotografia como fonte histórica, por exemplo.

Ao ser analisada como suporte de memória, a fotografia revela-se não apenas como um documento estático, mas como um meio possível evocar lembranças, narrativas e identidades. Ao ser encarada como fonte de informação, a fotografia é um recurso ímpar às pessoas e diferentes sociedades. À medida que a CI avança, defende-se que é importante ampliar essas perspectivas com as quais essa área entrelaça os diferentes conceitos, para compreender o papel da fotografia não apenas como um recurso informativo, mas também como um meio - suporte - essencial na construção, perpetuação e preservação da memória humana.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 29, n. 1, p. 81-96 2015. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/23206>. Acesso em: 2 nov. 2023.

ARRUDA, Susana Margaret de; CHAGAS, Joseane. **Glossário de biblioteconomia e ciências afins**: português-inglês. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, out./dez. 1994. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf. Acesso em: 23 set. 2024.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Transferência da informação para o conhecimento. *In*:

BUFREM, Leilah Santiago *et al.* Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 22-41, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35867>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante. Apresentação. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (org.). **Formas e expressões do conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 5-9.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, p. 148-207, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 5 nov. 2023.

CARMO, Mariã Michely Melo de Lima do; FELIPE, Carla Beatriz Marques; COSTA, Robson Santos. Fotografia como fonte de informação e memória do Bairro Campo Grande, Rio de Janeiro. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 2, p. 144-163, 10 set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.56837/fr.2022.v8.n2.798>. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/798>. Acesso em: 26 nov. 2023.

CARRIZO SAINERO, Gloria. Las fuentes de la información. In: CARRIZO SAINERO, Gloria; IRURETA-GOYENA SÁNCHEZ, Pilar; QUINTANA SÁENZ, Eugenio López de. **Manual de fuentes de información**. Madrid: CEGAL, 1994. p. 17-44.

DIAS, Maria Matilde Kronka; PIRES, Daniela. **Fontes de informação: um manual para cursos de graduação em biblioteconomia e ciência da informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2005.

FELIPE, Carla Beatriz Marques; PINHO, Fabio Assis. Fotografia como dispositivo da memória institucional. **Logeion: filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 89-101, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2018v5n1.p89-101>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4339>. Acesso em: 26 nov. 2023.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Annablume, 2011.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 1990. p. 25-52. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 17 nov. 2023.

PALACIN, Vitché. **Fotografia: teoria e prática**. São Paulo: Saraiva, 2012. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788502175327>. Acesso em: 30 set. 2024.

POMIAN, Krystof. Memória: atlas, coleção, documento, monumento, fóssil, memória, ruína/restauro. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000. v. 42 (Sistemática). p. 507-516.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Figueiras Gomes. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEITE, Mirian L. Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: Samain, Etienne (org). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 33-38.

MARIZ, Anna Carla Almeida; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. O contexto de produção e as fotografias nos arquivos pessoais: um estudo nos artigos de periódicos da Ciência da Informação e Arquivologia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 194-217, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v12i2p194-217>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/181428>. Acesso em: 26 nov. 2023.

NASCIMENTO JÚNIOR, Evanildo Freitas do; SILVA, Carla Mara da; SILVA, Luiz Antonio Santana da. “Olhares cegos”: transformando fotografias em sons-a importância da audiodescrição no acesso à informação por usuários com deficiência visual. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, p. 57-69, 2020. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.%25y757-69>. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/9043>. Acesso em: 16 nov. 2023.

PINHEIRO, Letícia Bortoloti; BONI, Paulo César. A importância da imagem na recuperação histórica dos desfiles de aniversário de Santa Mercedes. In: Boni, Paulo César (org.). **Fotografia: múltiplos olhares**. Londrina: Midiograf, 2011. p. 231-264.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martin. Memória institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 78-89, abr. 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/46587>. Acesso em: 2 mar. 2022.

SÁ, Alzira Queiroz Gondim Tude de; DAMASCENO, Ana Clara Serra. Álbum de família: lugar de memória e recordação. **ÁGORA: Arquivologia em debate**, Florianópolis, v. 33, n. 66, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1100>. Acesso em: 26 nov. 2023.

VILLASEÑOR RODRÍGUEZ, Isabel. Los instrumentos para la recuperación de la información: las fuentes. In: TORRES RAMÍREZ, Isabel (ed.). **Las fuentes de información: estudios teórico-prácticos**. Madrid: Síntesis, 1998. p. 30-42.

WENDT, Lucas George. Fotografias como expressão de memória. In: Massoni, Luis Fernando; BORGES, Jussara (org.). **Expressões da memória**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. p. 126-146. DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-213-7. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/expressoes-memoria/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

Recebido/ Received: 24/11/2024

Aceito/ Accepted: 05/01/2025

Publicado/ Published: 03/03/2025